

Ensaio epistolar à escritora Djaimilia Pereira de Almeida

An epistolary essay to the writer Djaimilia Pereira de Almeida

Raissa Lauana Antunes da Silva

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

Resumo: Este texto é um ensaio epistolar construído a partir das reflexões propostas pela escritora Djaimilia Pereira de Almeida em seu livro *O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo* (2017). A partir de sua teorização sobre a escrita, tomando por base este texto teórico, busco compreender meu próprio processo de escrita aproximando-me das questões arguidas por Djaimilia Pereira de Almeida, bem como de minhas próprias reflexões sobre a sociedade que habito e os atravessamentos raciais que tensionam as relações existentes. Para isso, utilizo-me da escrita memorialística, daquilo que vive entre o limiar da ficção e da realidade, para compor fragmentos, os quais se propõem a construir um exercício criativo no entremeio da teorização. Este ensaio, portanto, carrega um espaço dialógico e reflexivo, em que teoria e escrita se encontram a fim de falar sobre a escrita de mulheres negras no Brasil.

Palavras-Chave: Escritora negra; Djaimilia Pereira de Almeida; ensaio epistolar.

Abstract: This text constitutes an epistolary essay constructed from the reflections proposed by the writer Djaimilia Pereira de Almeida in her essay *What it is to be a Black woman writer today, according to me* (2017). Based on the theorization about writing using this theoretical text as a basis, I seek to understand my own writing process by approaching the issues raised by Djaimilia Pereira de Almeida, as well as my own reflections on the society I inhabit and the racial intersections that strain existing relationships. To this end, I also use memoir writing, which lives between the threshold of fiction and reality, to compose fragments, which also propose to carry out a creative exercise during theorization. This carries a dialogical and reflective space, in which theory and writing meet to talk about the writing of Black women in Brazil.

Keywords: Black woman writer; Djaimilia Pereira de Almeida; epistolary essay.

Cara Djaimilia,

Trezes anos separam nossos nascimentos. Trezes anos e 7.500 quilômetros de um oceano que divide Brasil e Portugal. Aqui, na terra em que nasci, há trinta anos carrego relações conflituosas com o local em que habito e com a herança colonial aqui deixada. Essa herança que atravessa minha forma de habitar meu corpo e me escrever em vida. Enquanto isso, você, há cerca de 40 anos vive no país difusor de nossos conflitos internos: Portugal. Tão distantes, mas ainda tão próximas, me parece, cara parenta, que dividimos quase que o mesmo corpo, quase que as mesmas experiências e quase que as mesmas formas de dialogar com o mundo, as quais foram construídas pela colonização e pelo racismo que atravessa nosso dia a dia e nossa forma de habitar nossa própria pele.

Claro que não apenas por isso lhe escrevo, mas também por ter me sentido convidada a retornar ao mundo da escrita após ler mais uma de suas obras, *O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo* (2021). Além dela, este ano fiz a leitura do romance *A visão das plantas* (2021) com minhas turmas de Ensino Médio, leitura que pretendo manter após a obra ter entrado como uma das leituras obrigatórias da universidade de minha cidade. Engraçado como a obrigatoriedade é capaz de mobilizar esses estudantes. Apenas agradeço por ter sido tua obra a indicada para essa função. A partir de *A visão das plantas* (2021), questionamos a impunibilidade das violências coloniais que ainda não terminaram, relacionamos diferentes momentos históricos, e espero, do fundo de minhas esperanças, que sua escrita tenha sensibilizando-os, ou ao menos construído um caminho de reflexão que os guiará ao longo da vida para longe de um fascismo que vem se instalando entre os jovens desta geração. Espero, ou talvez até sonhe, que a literatura também seja capaz de mudar o futuro. Talvez eu seja otimista, ou talvez uma pessoa vivendo, assim como você, em um mundo em crise. Mundo esse que nos obriga a esperar e planejar um futuro melhor.

Suponho que por isso gostaria de refletir contigo sobre a escrita neste texto. Sobre como é ser uma escritora negra no Brasil, porque a escrita é algo

que me atravessa e que me afasto ao longo desses trinta anos que trilho nesta terra. Para que possamos falar sobre o que é ser uma escritora negra nos dias de hoje, expondo as reflexões também para o Brasil, este espaço geográfico que ainda é cercado de dinâmicas de violências advindas da colonização. Inclusive, deixo nesta carta um pequeno fragmento memorialístico, algo que escrevi há algum tempo, mas gostaria de que você lesse para que possa me conhecer melhor. Minha intenção é que conheça, assim como conheci através de sua escrita, as violências coloniais presentes em meu dia a dia, as dores que sou, enquanto uma mulher negra, obrigada a enfrentar diariamente. Diferente do que é pregado, da suposta cordialidade racial brasileira, nós, pessoas negras, homens e mulheres, estamos frente a inúmeras violências simbólicas e físicas diariamente. Nossos corpos encontram-se na linha de frente das violências e dos assassinatos, logo desnudar as verdades vivenciadas parece, a meu ver, possibilitar uma denúncia, ou a escrita de uma carta aberta endereçada ao mundo que perpetua violências raciais.

fragmento um: consciência negra

Semana da Consciência Negra na escola. Sentados na quadra, os estudantes assistem uma das turmas do segundo ano do Ensino Médio apresentar uma enquête sobre cotas raciais. São meus estudantes ali, falando e se expondo diante de tantos outros olhares. Por algum motivo aquela não era uma boa semana para mim. Na verdade, aquela nunca é uma boa semana considerando as inúmeras violências e desconfortos gerados por esse dia. Sem querer, acabo ficando ao lado do professor neofascista da escola que os alunos odeiam. Sua pergunta, em forma de sussurro, aparentemente inofensiva, é se entrei na universidade por cotas, se essa lei tem data de validade, se eu já não achava que estava tudo igual na sociedade. Ele não escuta os alunos que contam suas pesquisas, atrapalhando também minha tentativa de os escutar. Para piorar, ele, na semana da consciência negra, enquanto nossos alunos falam sobre as

violências diariamente sofridas pela população negra, me violenta. Eu, a única professora negra na escola. Eu, a única a quem ele poderia dirigir essa violência em tom ameno, como se tudo não passasse de um comentário entre colegas, entre amigos, entre iguais. Eu, que luto a cada dia contra a maré deste mundo tão desigual e tão violento.

Cara Djamilia,

Espero que tenhas gostado do fragmento enviado e que minha reflexão de alguma forma tenha feito algum sentido para complementar suas percepções sobre escrita e racialidade. Sobre o fragmento, farei o mesmo ao término de cada uma das cartas que envio, encaminhando mais um de meus textos, para que assim talvez compreenda a importância da escrita para mim. Ainda assim acho importante dizer que esta carta talvez seja mais curta ou mais dolorosa, já que o mundo tem me atravessado de outra forma esta semana. Acontece que a vida não vem passando nada suavemente, o que faz que até mesmo a escrita destas cartas ocorra em outros tempos e em outros sentimentos. Ainda desejo continuar falando sobre a escrita, mas ela circula entre ônibus perdidos, trabalhos atrasados e roupas para lavar. É neste momento que percebo que escrever como uma mulher negra não é apenas pensar no futuro, nas palavras que estarão no papel, mas também no passado que trago e no presente que vivo.

Em um de seus poemas, Conceição Lima, poeta são-tomense, declama: “não estou farta das palavras/É porque o tempo passa que as procuro”. Lembro-me de ler este trecho em minha aula da pós-graduação e pensar sobre esses versos, principalmente sobre as palavras, que parecem tão simples, mas que ao mesmo tempo surgem carregadas de uma complexidade quando combinadas. Essas que busco para conseguir expressar algo que me parecia até então tão inalcançável, em que agora expresso sentimentos antes submersos dentro de meu corpo. Assim como

Conceição Lima, busco as palavras cada vez mais com o passar do tempo, mesmo que elas ainda me pareçam distantes, alheias, fugazes. Um misto de sensações que ainda toma conta de meu corpo, chegando às minhas mãos e às pontas de meus dedos.

Talvez por isso tenha tido durante muito tempo dificuldade em dizer que escrevo, que também, assim como outras poetisas e escritoras, busco pelas palavras, não as repelindo mais. As palavras medo e o receio deixaram de me retrain, pois agora são ignoradas, deixadas de lado, a fim de encontrar minha voz entre as letras embaralhadas do alfabeto. Assim, hoje, busco na sonoridade de outras palavras que me eram tão estranhas, assim como à poeta Conceição Lima, por uma coragem para me inscrever em vida cada vez mais. Isso porque, diferente da concepção de escrita que tinha anteriormente, encontro em poetisas como Conceição Lima e Conceição Evaristo a possibilidade de escrever sobre meu papel enquanto uma mulher negra escritora, seja na poesia, seja na ficção. Percebo na escrita minha participação ativa no desnude da história deste país em que habito e na denúncia das violências que nos perseguem. Por isso, Djaimilia, hoje encontro no ato de escrever a possibilidade de dizer sobre quem sou e sobre quem somos: mulheres negras em busca de inscrever nossa própria identidade. Encontro nas palavras formas de dizer minhas angústias, amores e desamores. Para isso, busco existir em algo que antes não era meu. Para assim, escrever-me poesia.

Apesar de não ser um poema, envio anexada a esta carta, outro fragmento escrito por mim anos atrás, o qual fala sobre as marcas que construíram esse distanciamento com tudo o que disse acima, mas que também falam sobre um redescobrimiento de mim mesma.

fragmento II: marcas da adolescência

Este ano encontrei uma foto de minha formatura do Ensino Fundamental. Na foto, eu usava um vestido longo com manchas brancas e pretas. Ao lembrar aquela noite, lembrei dos gritos, dos aplausos, do

abraço de um colega que veio a falecer anos depois, da euforia de estar no fim de um ciclo tão importante, mas também tão doloroso. Também lembrei do sentimento que carreguei comigo durante todo este período. Uma insuficiência, uma diferença que me separava dos demais. Agora, com meus 30 anos, ao olhar para minha eu de 14, tive uma revelação jamais esperada. A garota daquela foto em nada era parecida com o que os colegas diziam. Ela não era feia como eu imaginava. Ela era verdadeiramente, na forma mais genuína da palavra, bonita. Olhei para ela, aquela menina que se sentia tão inferior, pensei em seus colegas que pareciam determinar quem ela era e, finalmente, compreendi que nada do que eles diziam era real. Finalmente fiz as pazes com meu eu-adolescente.

Cara Djaimilia,

Em uma passagem de seu ensaio na obra *O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo* (2021), você aborda a relação com sua mãe e com seu pai. Seu pai sendo um homem branco oriundo de Portugal, sua mãe uma mulher negra de Angola. Aqui, meu pai é um homem negro, enquanto minha mãe é uma mulher branca. Assim percebo que nossa constituição familiar tem certas similaridades, uma vez que você é filha de um casal interracial assim como eu. Demorei muitos anos para perceber o quanto isso afetou minha forma de viver e compreender o racismo. Demorei para perceber que o racismo esteve presente nas ações de meus pais e familiares, o que dificultou ainda mais para percebê-lo em um contexto macro, o da sociedade.

Isso porque a sociedade brasileira, imersa em uma teia de fetichismo, normaliza a relação entre homens negros e mulher brancas, bem mais do que o contrário. Jogadores de futebol geralmente são os mais adeptos a esse tipo de casamento, o que não seria um problema se esses homens não unicamente escolhessem mulheres brancas como em um processo de inserção na sociedade pela cor de pele de sua

parceira. Ou porque, genuinamente, acreditam que a beleza está ligada à branquitude, portanto mulheres negras seriam as mais adequadas para um envolvimento apenas sexual. Não desejo jogar sob meu pai a carga de entender por que minha mãe é uma mulher branca, longe disso. Apenas aponto um fato que está presente e que dinamiza toda a nossa relação.

Com uma mãe branca, eu e minhas duas irmãs, aprendemos desde cedo o cheiro de produtos de alisamento ou relaxamento. Em uma obsessão pelo alisamento de nossos cabelos, em uma busca por domar aquilo que não lhe era compreensível, nossa mãe nos submeteu inúmeras vezes a situações que não desejávamos. Essa tortura quase que mensal não ocorria apenas pelas suas mãos, mas também pelas mãos de meu pai, um homem negro. Por ter o cabelo lido como “melhor” admito que não sofri tanto com os produtos e poucas vezes fui levada para desembaraçar meu cabelo à seco por meu pai. Mas ainda assim, pude ver as consequências em minha irmã do meio, o que lhe gerou, anos mais tarde, um corte químico na semana de sua formatura do Ensino Médio.

Apesar desse fato, não condeno nenhum de meus pais. Minha mãe, uma mulher branca, estava condicionada, assim como meu pai, a buscar um caminho de assimilação e de aceitação para suas filhas. Ambos, atravessados pelas condições sociais da época, nos condicionaram a negar aquilo que era nosso, que nos fazia eu e as minhas irmãs únicas. Em uma tentativa de nos encaixar socialmente, em domar e apagar nossa negritude, ao menos o que era possível, fomos aos poucos sendo contidas por meio de produtos químicos ou chuquinhas. Essa tentativa mostra um outro tempo, uma outra forma de olhar para a negritude, um desconhecimento por parte de meus pais em reconhecer o passado, o presente e o futuro de suas filhas, algo que reconheci em sua obra *Esse cabelo* (2015) ao lê-la há alguns anos.

Existe um ato de coragem em ser uma escritora negra. Dizer não apenas o que está fora de nosso alcance, mas também sobre aquilo que está dentro de nós, de nossa casa, de nossa família. A

escrita exige o exercício de mexer nas águas paradas nos fundos da memória, reviver aquilo que foi tão doloroso, deixar a memória em carne viva e reencenar as violências sofridas, inclusive aquelas vivenciadas em espaços de amor e segurança. Ler tuas obras, Djaimilia, é encontrar algo que até então estava perdido dentro de mim, acessar algo que precisava ser dito, remexer naquilo que deveria vir à superfície. Por isso falo, assim como você, sobre minha família, apesar de todas as implicações carregadas, mesmo que as palavras ditas não sejam compreendidas pelo que elas realmente são.

fragmento III: marcas da adolescência

Se você fosse mais velha, eu adoraria que você fosse minha nora.

Comentou a senhora religiosa para mim enquanto passava as mãos pelos meus cabelos alisados, que, naquela noite, batiam na minha cintura. Seu filho, que estava do outro lado do salão, nos observava. Ele tocava na orquestra da igreja assim como eu, mas nem de perto tínhamos a mesma idade. Ele, 25. Eu, 13. De alguma forma aquele comentário pareceu aceitável de ser feito a uma menina negra de 13 anos de idade.

Recordando isso hoje, agradeço por ter saído da Igreja, caso contrário minha vida seria muito diferente do que é.

Cara Djaimilia,

Esta será a última carta que envio. A última em que derramo algumas de minhas angústias relacionadas à vida e à escrita. Essas experiências narradas em meus últimos fragmentos talvez expliquem a pessoa que me tornei. Durante muitos anos, após todos esses acontecimentos, passei a me questionar sobre a possibilidade de existir no espaço em que vivo, não apenas como um corpo que vive entre um fluxo perene de circunstâncias, mas como uma pessoa que é vista, percebida e sentida. Essas

dúvidas sempre me levaram a um entremeio, a uma dificuldade de enxergar o caminho a ser seguido, mas, parece-me, que cada vez mais tenho encontrado formas para me colocar diante desses acontecimentos sendo quem realmente sou.

O que talvez tenha acontecido durante um certo tempo foi que esqueci algo importante pelo caminho, algo que me foi tão caro e precioso para chegar até aqui, algo que me foi tirado justamente por aqueles que me disseram que escrever não deveria estar em meu horizonte de expectativas. Como se a escrita pertencesse apenas àqueles que dizem o que é escrever ou o que é fazer literatura. Nos últimos anos, vi-me ainda mais presa a uma certa objetividade que removeu de mim todas as veias imaginativas que existiam em meu corpo. O mundo me fragilizou, eu me fragilizei. Ou o mundo me petrificou, e eu me petrifiquei. E tirei de mim aquilo que me faz, assim como você cita em *O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo* (2021), uma mulher negra de meu tempo: a possibilidade de ser exatamente aquela pessoa que quero ser.

A possibilidade de me reinventar a cada página me foi tirada durante muito tempo pelo racismo, pelo medo de não ser o suficiente, de não saber fazer nada além do perfeito, caso contrário nunca seria vista. Então, nesta carta, assim como fizeste em teus textos, decido, em forma de retribuição, retomar a escrita como forma de contar sobre mim, mas também como forma de me escrever nas páginas que até então me foram negadas pelo racismo. Espero fortemente que você veja, Djaimilia, que luto para escrever a partir daquilo que vem antes de mim, a partir da noção de que ao escrever rompo com tudo aquilo que esperam de mim e de minhas antepassadas, que veja que minha escrita carrega a mim e a muitas outras.

Referências

- ALMEIDA, Djaimilia Pereira. *A visão das plantas*. São Paulo: Todavia, 2021.
- ALMEIDA, Djaimilia Pereira. *O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo*. In: Serrote. N 41. São Paulo: IMS, 2022. p. 4-21.
- ALMEIDA, Djaimilia Pereira. *Esse cabelo*. Lisboa: Teorema, 2015.